

**“Onde guardei minhas lembranças” foi lançado em noite luminosa na antiga Casa de Zaquia**

• PAGS. 4 e 5



Autor do livro “Onde guardei minhas lembranças”, o escritor Roberto Franklin Costa entre o desembargador Ricardo Duailibe e o Repórter PH

Emocionado, o ator Antonio Saboia recebeu o título de “Cidadão Maranhense” da Assembleia Legislativa do Maranhão



**Assembleia Legislativa concedeu cidadania ao ator franco-maranhense Antonio Clemens Saboia**

• PAG. 7

Fotos/Divulgação



**HÁ VOZES**, sons, cores, sabores e odores a dizerem que também nestes trópicos este é o tempo da Primavera. Que pode muito bem ser traduzida com esta foto surreal de Airi Pung, autor de trabalhos que abrangem amargura, dor, preocupação, e também sonhos, lembranças bonitas e esperanças. **PAG. 3**

**E**is que em São Luís a primavera chegou de mansinho. Nesta terra de estações tão misturadas, não acontece nada de extraordinário. Nenhum degelo, nenhum rebentar de renovos, marca a entrada desse novo tempo aqui nos trópicos. É mais um cheiro no ar, um novo alento. De repente a gente se dá conta de que setembro está se despedindo e alguma coisa mudou.

Meu coração bate por um fim de semana de céu claro e contínuo, atmosfera limpa, o sol iluminando as manhãs com o seu magnífico holofote – para que os são-luisenses percebam, afinal, olhando sobre a cabeleira colorida das buganvílias e a coroa vícosa dos ipês – ou pau d'arcos, como aqui são mais conhecidos –, que deles é o Reino dos Céus.

Mesmo sem alvorço, não há como não perceber que há vozes, sons, cores, sabores e odores a dizerem que também nestes trópicos este é o tempo da primavera. Que a natureza está em festa. E tudo segundo as peculiaridades de nosso meio ambiente, do modo de ser da natureza que aqui se manifesta.

Não há como negar que a primavera aqui se joga mais uma expectativa que uma realidade. Não é uma estação, pura e simplesmente. É estado propiciatório, rito de passagem para o verão que se aproxima. Verão que é o próprio clímax, vértice supremo, suprema realização de uma cidade de adoradores do sol, de curtidores insaciáveis de praia e de mar.

Mas, por enquanto, há só uma poeira fina no ar.

## NA ILHA DE SÃO LUIS

**as estações são ritos de passagem e, num único dia, elas se desatam entre adágios e allegros**

Pôlen luminoso de árvores que iniciam a floração. Por enquanto, apenas um leve aperto no coração, melancolia, talvez, talvez um susto, porque um outro ciclo se aproxima e subitamente nos damos conta de que já é quase verão e o tempo passa.

Mas tudo ainda é apenas uma promessa. Um lento insinuar-se de desejos inconfessáveis. Uma premonição de luxúria ao toque da brisa na pele que anseia desnudar-se e desfilar ao sol toda a força represada como seiva, adormecida sob as neves de um inverno imaginário.

É sempre bem-vinda esta suave amiga que fencia a terra, faz brotar a semente, colore o mundo, e renova o ciclo da vida ano após ano. Porque a primavera é cheiro, fragrância, perfume. Essência de saudade e de promessa.

Mais uns dias e todas as árvores desta cidade

estarão floridas. Nas avenidas, o ouro fulvo das acácia e os flamboyants ardentes explodirão de luz na labareda de suas copas, ao mesmo tempo em que, por sobre os muros renovados, as buganvílias alvorocadas exibirão suas cascatas coloridas, como arcos-íris encantados. E haverá sem dúvida um revoar de pássaros, ruflar de asas marinhas pela tarde na baía de São Marcos e um surdo rumor de abelhas.

Haverá certamente enxame alvorocado de borboletas minúsculas, caindo do céu como chuva de pétalas. E então nada mais nos deterá neste rumo secreto. O verão nos espera com seus laços, seus cheiros de manga e bacuri, seu travo de cajus.

Disse há algum tempo e repito agora: quando Antonio Vivaldi compôs “As Quatro Estações”, a magnífica série dos famosos quatro concertos – a

Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno, nesta ordem –, por algum milagre do tempo e da geografia, o italiano parece ter sido transportado para a Ilha de São Luís – onde as estações são ritos de passagem e, por isso mesmo, num único dia, elas se desatam entre adágios e allegros.

Inverno e Verão são estações antípodas, cada uma com seus violões e violinos, asseguram os meteorologistas. Não na Ilha de São Luís, onde as Quatro Estações se misturam e se alternam, ao sabor de sibilinos instrumentos de corda, magistralmente manipulados por maestros como o poeta José Chagas, regendo, com sua lírica, esse vento prodigioso que altera a feição das tardes e das manhãs, e que ora impõe a calmaria dos adágios, ora a vivacidade dos allegros...

“Aqui os telhados/ brotam como roças,/ São valas plantados/ de saudades nossas,/ suspensos jardins/ de uma babilônia/ de sonhos afins/ e de lenha errônea./ Aqui as lembranças/ pastam, nas rui- nas,/ verdes folhas mansas/ de saudades finas./ A memória come/ desse verde estranho/ e os dias em fome/ trazem seu rebanho/ para alimentar-se/ durante o inverno/ no verde disfarce desse sonho eterno”.

Se tivéssemos que colocar letra na música genial de Vivaldi, os versos de Chagas em “Telhados de São Luís” cairiam no conjunto de concertos como um divino acompanhamento, do picolo flautim até a encorpada tuba..., tambores batendo nas portas, violinos miando nas vidraças.

## UMA SENTINELA em seu posto de libação

**P**aroando aquela texto apócrifo, que um dia atribuíram ao bruxo Jorge Luis Borges, se eu pudesse viver novamente, correria mais riscos. "Viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios. Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos lentilha, teria mais problemas reais e menos problemas imaginários."

A mensagem, "psicografada", não era de Borges, mas de algum espírito aventureiro. Se a assinatura do autor dos contos-enigmas não foi "reconhecida", os conselhos não eram de todo desprezíveis.

Em resumo, o mensageiro quis dizer que devíamos levar a vida mais na flauta.

Eu mesmo me penitencio por ser, às vezes, alguém que, em nome de um "compromisso", recusa o convite de um amigo para um papo de bar. Logo me arrependo. Qualquer compromisso pode ser adiado – menos um papo de boatequim.

Constatou a verdade quando me deparo com velhos escritos de Erasmo Dias, que chegou a esboçar, com a sua veia libo-histriônica, um livro nunca concluído e que pretendia ser uma espécie de "Constituição" do boteco.

Ao invés do positivismo careta de Augusto Comte no Ordem e Progresso, Erasmo incorporou à bandeira de seu bar – o "Ao Distinto Cavalheiro".

Um dístico muito mais instigante, sob a inspiração de mestre Millôr Fernandes: "Não podemos resistir às tentações. Elas podem não voltar" ...

Pois, se pudesse voltar atrás no tempo, não voltaria a recusar convites para "...soltar mais papagaios" – conselho de algum Borges "timbira" – ou ir a mais bares, "só para manter o desequilíbrio", como sugeriu, certa vez, ao poeta Luis Augusto Cassas o "filósofo" Jesus Santos.

Erasmo pretendia lançar um autêntico dicionário internacional de sobrevivência em boteco, com a libertária intenção de propor a "minicarta" dos filósofos e dos pingücos.

O bardo do Apicum costumava dizer que há bares chiques e botecos chinfrins. E sugeria: se você tiver que escolher entre um e outro, opte sempre pelo chinfrim. Grandes e minúsculos, antigos e modernos. Bares de toda ordem e também aqueles em que a ordem é nenhuma. Se reduzíssemos o Brasil a um bar, talvez o país fosse melhor – mais animado seria, com certeza.

O livro que Erasmo nunca terminou pretendia ensinar a pedir uma cerveja bem gelada em mais de 20 línguas e alguns dialetos – e até em línguas mortas, como o latim.

A "saideira", na língua de Ovídio, "sairia" assim: – Nil amplius oro! (ou, "nada mais peço"...) A não ser a conta, dolorosa como sempre:

– Per capita! Ad valorem!

Para que cada um pague só o que bebeu, e não se responsabilize pelo excesso dos outros.

Tantas utilidades teria o livro, que chegou a sugerir ao Erasmo até um "perfil" de bar, que acho perfeito:

– O bar, no fundo, é uma espécie de vitrine, de aquário humano, onde o espírito pede spirits para melhor carregar a barra da existência. Quatro coisas são essenciais num bar: mulher bonita – que é o "bota-gosto" – bebidas de primeira linha; garçons competentes e alguns bons aceipipes, que é o que chamam, erradamente, de "tira-gosto".

No mais, o bar é um privilegiado mirante. Nada escapa à aguda sensibilidade de uma sentinela em seu posto de libação.

•••

## Viagem inesquecível

Reunir os amigos para falar de viagens, seja para recordar as que já fizemos ou as que sonhamos fazer, é sempre um excelente programa. Agora se a reunião for regada a bons vinhos e quitutes árabes feitos com o capricho de quem conhece essa culinária milenar, a reunião é inesquecível.

Foi assim quando abrimos nosso apê na Península da Ponta d'Areia, para receber amigos para um final de tarde com direito a uma vista de tirar o fôlego da sua varanda, tendo de um lado o pôr-do-sol da baía de São Marcos e de outro, as luzes se acendendo no centro histórico de São Luís.

Durante horas, relembramos uma viagem para o Marrocos, que fizemos usando Lisboa como portão de entrada e onde passamos o "Réveillon".

No final da reunião, acertamos a ida no mesmo voo este ano, desta vez tendo como destino o réveillon de Istambul.

## Criminalidade

Nos últimos anos, as capitais do Nordeste tiveram, em geral, crescimento econômico superior à média nacional.

No mesmo período, o índice de homicídios e os números da criminalidade aumentaram quase na mesma proporção nos maiores centros urbanos da região nordestina.

São Luís, considerado o maior polo urbano do Maranhão, está entre as capitais mais violentas do país.

Na capital maranhense, a crônica da criminalidade reúne histórias de violência, impunidade e tráfico de drogas.

Esta realidade, confrontada com os índices de crescimento da região, mostra que os indicadores da economia em alta não correspondem necessariamente com a redução da criminalidade.



A export manager da vinícola Matarromera, Regina Ardura entre o blogueiro Oton Lima e a diretora de vendas do Grand Cru Fernanda Oliveira



Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves

## DEGUSTAÇÃO NO GRAND CRU

**O**bistro Grand Cru foi palco, no dia 20 de setembro, de um almoço especial com degustação de vinhos Matarromera e menu harmonizado. A condução foi feita por Regina Fabregat, export manager da vinícola, que compartilhou seu conhecimento e guiou os convidados por uma seleção de rótulos que traduzem a excelência da Matarromera.

Ou seja: um encontro pensado para

quem aprecia aprender mais sobre o universo do vinho, explorando harmonizações e descobrindo novos sabores à mesa.

O almoço reuniu boa mesa, rótulos de excelência e momentos de aprendizado numa tarde de trocas e descobertas, onde cada taça contou um pouco da história e da tradição de uma das casas mais prestigiadas da Espanha.



Eva Rolim, Luciana Marques, Fernanda Oliveira e Valdelia Campos



O maître do Grand Cru, Ronaldo Alves



A export manager da vinícola Matarromera, Regina Ardura



Médico Joelson Castro Milhomem e Daniella



Romulo Mariano e Andrey Amaral



Regina Ardura e Fernanda Oliveira



Guga Fernandes e Regis Correia



Sandra Oliveira e Sebastião Ferreira



Saymon Dutra, da equipe de garçons do Grand Cru



Giovanni Spinnucci e Isadora



José Vitor Murad



Mayara Melo e Edmilson Riedel



Grupo formado por Mayara Melo e Edmilson Riedel, José Vitor Murad, Regina Ardura, Giovanni Spinnucci e Isadora



O maître Ronaldo Alves e a diretora de vendas do Grand Cru, Fernanda Oliveira

## DESTAQUE DA CAPA



**H**á vozes, sons, cores, sabores e odores a dizerem que também nestes trópicos este é o tempo da Primavera. Que pode muito bem ser traduzida com esta foto surreal de Airi Pung, autor de trabalhos que abrangem amargura, dor, preocupação, e também sonhos, lembranças bonitas e esperanças. Como a fotografia nem sempre possui a capacidade de passar as mensagens, visões, sentimentos ou pensamentos do artista, Airi Pung se aprofundou em programas de edição gráfica, como este que serve para saudar, aqui nos trópicos, a chegada da Primavera



As buganvacias explodem em cores nos jardins de São Luís

## Batalhas desafiadoras

As estatísticas oficiais mostram, nos últimos anos, um recuo paulatino dos crimes que mais preocupavam a população brasileira, como homicídios e roubos.

A tendência, no entanto, não significa que o combate à delinquência está sendo vencido no país. Pelo contrário. São batalhas cada vez mais desafiadoras devido à reconfiguração da forma de atuar no sub-

íodo.

Uma dessas faces é o fortalecimento das facções, que espalham tentáculos por negócios legais e, quando entendem ser necessário, não hesitam em praticar ações violentas e ousadas.

Outra é a migração para golpes do ambiente digital, que causam graves prejuízos financeiros aos cidadãos.

## Batalhas desafiadoras...2

Há um universo de hackers que agem de forma criminosa. O resultado é que os cidadãos estão, a todo momento, sofrendo tentativas de estelionatos digitais.

É um dos crimes que mais cresce no país. Uma pesquisa do Datafolha publi-

cada há pouco mais de um mês mostra que um em cada três brasileiros admite já ter sido vítima de golpes pela internet.

Outra sondagem do instituto, no ano passado, concluiu que são 4,5 mil tentativas de artimanhas online por hora no Brasil.

## Batalhas desafiadoras...3

As empresas e os cidadãos têm de se preparar para esta nova realidade. As grandes organizações criminosas se espalham por várias regiões e ramos de atividade.

Um combate à altura de suas estruturas exige trabalho de inteligência e maior

integração e cooperação entre diferentes órgãos de segurança dos Estados e da União.

Urge maior atenção à cibersegurança, para evitar o roubo de dados, e letramento digital da população.

## Explosão da Primavera

Chegou a primavera, trazendo o aroma da natureza, a beleza das flores, o canto dos pássaros e o encanto das cores!

Chegou com a exuberância da transformação do ciclo da sua estação!

Chegou com a esperança da mudança da vida hibernada em vida radiante!

Chegou com a luminosidade da luz do sol refletindo os raios do desenvolvimento da natureza!

Chegou afagando a alegria dos corações! Chegou dando a harmonia ao universo!

Chegou, chegando!

## Explosão da Primavera...2

Eu estava longe quando vi a estrela. Era um aviso da primavera. Segui em frente para reencontrar o dia que o sonho desenhou. Já estivemos aqui, com outra roupa. Ganhamos a nova chance de um

deus que se despede.

Escute a vogal, soe a consoante. Forje o folego amante. Tens assim o poema, representação da beleza que te encanta.

Estou onde inventas a primavera.

## Evocação a Lucy Teixeira

Enquanto remexia meus arquivos implacáveis deparei-me com uma das últimas crônicas, publicada na "Folha de São Paulo", do poeta Ferreira Gullar. Nela, ele evoca de maneira sentimental e nostálgica a figura humana de Lucy Teixeira, uma doce poeta, romancista e contista brasileira nascida em Caxias-Maranhão.

Escreveu ele: "Posso dizer que sempre dei sorte na vida, porque sempre encontrei pessoas generosas que me ajudaram". "Não consigo imaginar que rumo teria tomado se não as tivesse conhecido, por exemplo, Lucy Teixeira, lá em São Luís do Maranhão."

Foi ela, escreve o poeta, que "me incentivou a vir para o Rio de Janeiro, e, se não tivesse vindo não teria conhecido e nem me tornado amigo de Mário Pedrosa, Ivan Serpa, Otto Lara Rezende, Carlos Castelo Branco, José Carlos Tinhorão, Prudente de Moraes Neto, entre outros".

## Legado de uma grande atriz

A imprensa internacional ainda repercute o falecimento, aos 87 anos, da atriz tunisino-italiana Claudia Cardinale, com quem este Repórter PH esteve frente a frente em duas oportunidades - uma no Rio de Janeiro e outra, em Paris.

A indústria cinematográfica se despediu, na terça-feira (23/9), de uma de suas estrelas mais brilhantes. Com uma carreira que se estendeu por mais de seis décadas, Cardinale brilhou em produções italianas, francesas e americanas.

Natural da região de La Goulette, na Tunísia, Claude Joséphine Rose Cardinale nasceu em 15 de abril de 1938. Sua jornada no mundo do cinema começou na adolescência, quando venceu um concurso de beleza que fez com que ela se chegasse até a Itália. Foi a partir daí que chamou atenção do universo dos longa-metragens.

A musa do cinema europeu foi casada com o produtor Franco Cristaldi, com quem teve dois filhos, Claudia Squitieri e Patrick Cristaldi. Mais tarde, viveu um longo relacionamento com o diretor Pasquale Squitieri, com quem permaneceu até a morte dele, em 2017.

Com mais de 150 filmes no currículo, a atriz preferiu o cinema europeu mesmo após conquistar reconhecimento em Hollywood.

Claudia ganhou prêmios como o David di Donatello e o Nastro d'Argento. E em 1993, recebeu o Leão de Ouro do Festival de Veneza e, em 2002, o Urso de Ouro Honorário do Festival de Berlim.

## Os franceses no Brasil

Acabo de enriquecer minha modesta biblioteca com os quatro volumes da Coleção Franceses no Brasil: um antigo projeto do antropólogo, escritor, político e educador Darcy Ribeiro, editado pela Batel e distribuído pela Livraria da Travessa, de Portugal.

A Coleção Franceses no Brasil se compõe de quatro volumes, sendo o primeiro dedicado a Nicolas Durand de Villegagnon. Vinte e uma cartas, inclusive a que consta, no original, do acervo do Museu Naval do Rio de Janeiro, traduzidas por Norma Azeredo e, uma a uma, comentadas pelo especialista em França Antártica embaixador Vasco Mariz, desenham um panorama precioso das lutas religiosas do século XVI na Europa e seus reflexos no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro que nascia.

O segundo volume apresenta A Cosmografia Universal, de André Thevet, na parte referente ao Brasil, com tradução de Raul de Sá Barbosa especialmente para essa edição.

## Os franceses no Brasil...2

História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América, de Jean de Léry é o terceiro volume, aqui em nova tradução e com um estudo introdutório de Carlos de Araújo Moreira. Esta edição foi ainda enriquecida com o estudo da contribuição linguística de Jean de Léry e a restauração dos vocábulos e frases em tupi por Ayrton Dall'Igna Rodrigues.

O quarto e último volume interessa profundamente aos estudiosos maranhenses, na medida em que aborda fatos sobre criação em 1612 da colônia que originou a cidade de São Luís do Maranhão.

Nelé, o padre Yves D'Evreux e sua História das Coisas Memoráveis conta o que aqui acontecia nos anos de 1613 e 1614. O texto é a tradução do original da Biblioteca Pública de Nova York - o mais completo que existe deste precioso livro - feita por uma equipe coordenada pela professora Marcella Mortara.

Ao preço de 83,30 Euros, a Coleção possui um prazo de entrega, estimado em até 45 dias úteis, conforme a sua localidade.



Flávia Araújo Ferraz festejando nova idade no Grand Cru

## ELAS FAZEM A FESTA COM CHARME

**E**is é um grupo de mulheres de destaque da sociedade maranhense que toda semana se reúne para almoços em restaurantes badalados da cidade. E sempre que alguma delas muda de idade, não deixam a nova idade passar em branco e organizam comemorações animadas, pontuadas de muito charme, elegância e simpatia. Como aconteceu na semana passada para festejar Flávia Araújo Ferraz que, embora seu aniversário seja no dia 21 de agosto, teve, ganhou, um mês depois da data, um almoço festivo orquestrado pelas amigas, com direito a bolo e sopros de velas



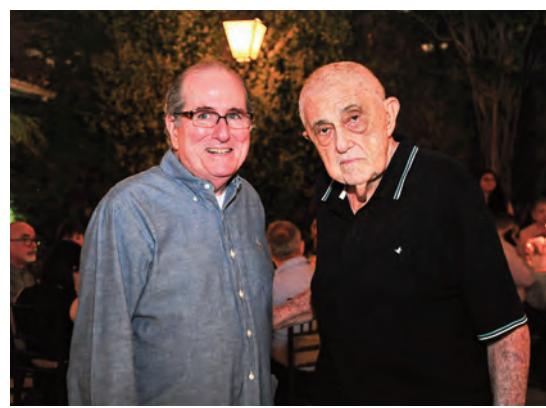
Na primeira fila, Thatiana Bandeira, Melina Sereno Fernandes, Rose Medeiros, Flávia Araújo Ferraz e Ana Lucia Albuquerque; atrás, Cida Valadão, Ligia Silva, Malu Dias, Kátia Rocha e Ana Elvira Buhatem



No coro do "parabéns pra você", em volta do bolo de aniversário, Ana Elvira Buhatem, Cida Valadão, Rose Medeiros, a aniversariante e Ana Lúcia Albuquerque



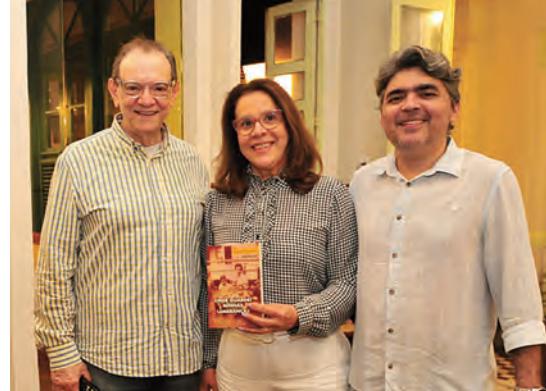
Na imensa área dos jardins da casa foram colocadas mesas que ensejaram a formação de grupos em animadas rodas de conversas



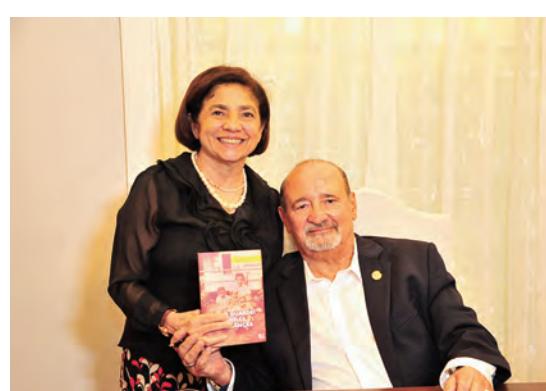
Desembargador Ricardo Duailibe e Januário Goulart



A desembargadora Sonia Amaral Ribeiro com o autor do livro



Sérgio Tamer e Silvânia com Vinícius Bogéa



A médica Socorro Bispo com o escritor Roberto Franklin



Angela (nascida Hadade) e José Pergantino Pinheiro



Paulo e Silviane

## UMA LINDA NOITE DE AUTÓGRAFOS

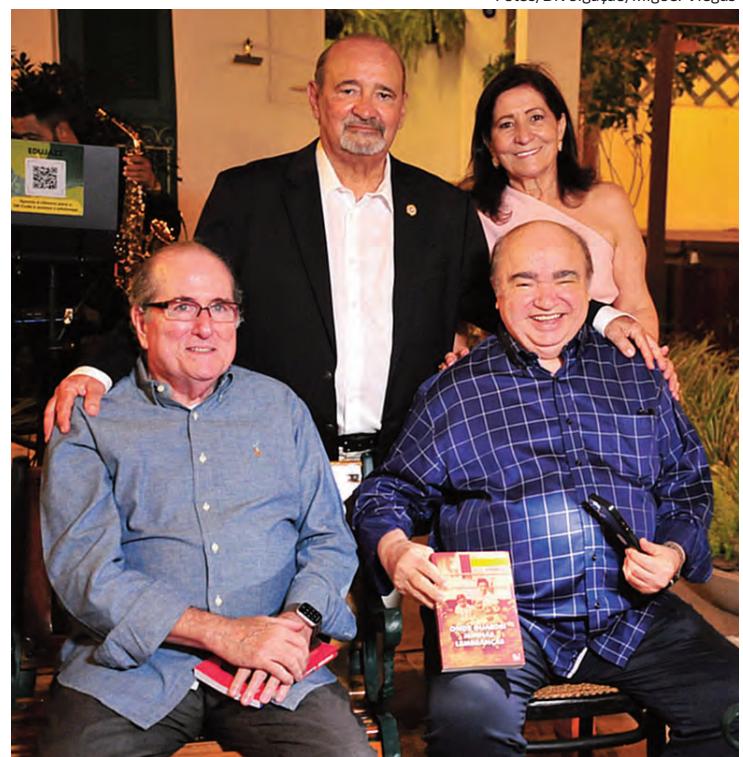
**U**ma noite de autógrafos é um evento onde um autor assina e dedica livros aos fãs, geralmente para celebrar um lançamento ou projeto literário. Para os autores, é um momento de interação com o público e promoção da obra, enquanto para os leitores, é a oportunidade de encontrar o autor e personalizar o livro.

O lançamento de "Onde guardei minhas lembranças", novo livro do escritor Roberto Franklin Costa, foi uma noite movimentada realizada na Casa de Zaquia Duailibe, uma linda morada na Rua do Sol que ainda guarda traços de uma época de fausto e elegância dos salões das mais tradicionais famílias maranhenses, no Centro Histórico tombado pela Unesco

como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Em poucas horas, dezenas de exemplares foram vendidos e autografados pelo autor, que estava acompanhado da esposa Luciane Duailibe Costa, dos filhos, noras e netos. Enquanto isso, os convidados foram brindados com coquetel com deliciosos petiscos da culinária árabe.

Nomes badalados da sociedade e dos meios culturais, parentes, amigos e confrades da Academia Ludovicense de Letras, onde Roberto Franklin ocupa uma cadeira vitalícia, estiveram no evento e o autor, que já publicou outros títulos, celebrou mais esse capítulo com casa cheia e clima afetivo.



Os anfitriões Roberto Franklin e Luciane com o desembargador Ricardo Duailibe e o Repórter PH



O escritor Antonio Norberto fez a apresentação da obra de Roberto Franklin



José Cláudio Santana, Alexandre Lago, Adonay Moreira e Osmar Gomes



Roberto Franklin com um grupo de primos da família Costa



Luciane e Roberto Franklin com Tiana Pereira, Virgínia Duailibe e Silvia Duailibe Costa



Margareth, Concinha Prazeres, padre Heitor Moraes e Lidia Santos



Priscila e Daniel Blume de Almeida, Roberto Franklin e Sônia Almeida



A família reunida: Roberto Franklin e Luciane com os filhos, noras e netos

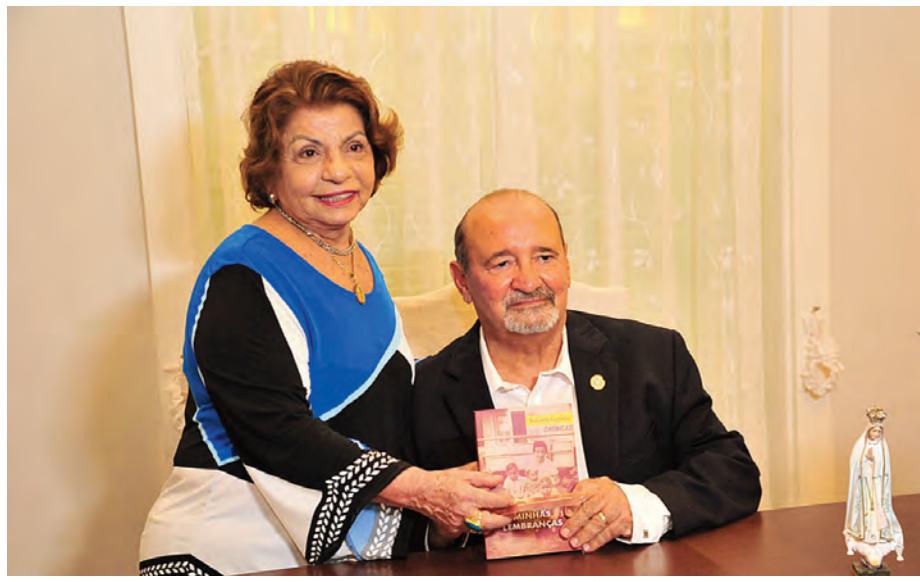


Escritores Roberto Franklin Costa, Osmar Gomes dos Santos, Alexandre Lago, José Cláudio Pavão Santana e Sérgio Victor Tamer



Roberto Franklin e Luciane entre Brena Duailibe, Claudia Peixoto Duailibe, Heloisa Peixoto e Natália Duailibe

Fotos/Divulgação/Miguel Viégas



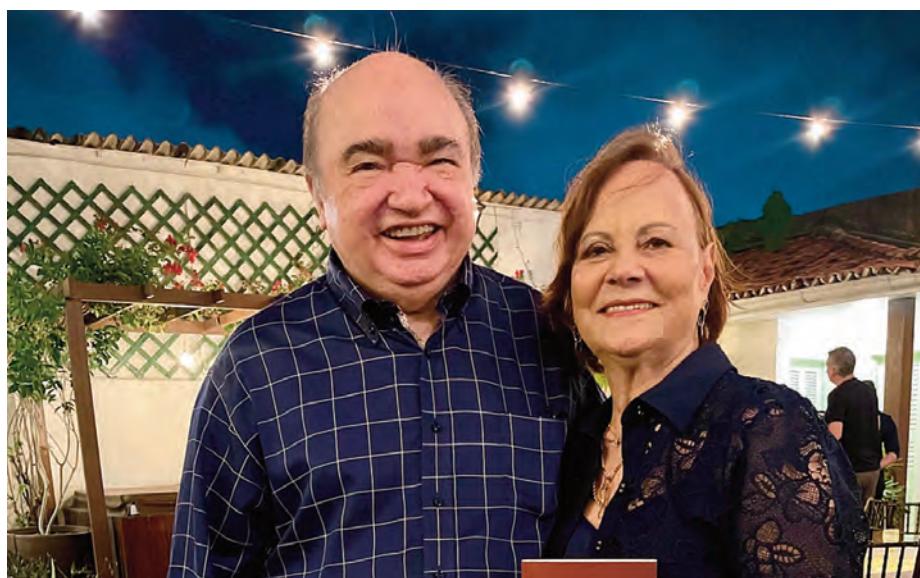
Concinha Prazeres e Roberto Franklin



Tiana Gomes Pereira, Virgínia Duailibe e Silvia Duailibe Costa com Rogério Duailibe e Hannah Rolim e Flávia Duailibe Léda



A escritora Ceres Costa Fernandes com Ricardo Duailibe e o Repórter PH



O Repórter PH com Maria Helena Bello



Eduardo Figueiredo e Flávia Duailibe Léda



Osmar Gomes e Roberto Franklin

## Barba e cabelo

Da Idade Média até o primeiro quarto do século 20, o binômio capilar barba-e-cabelo era absolutamente essencial à dignidade de um homem. Carecas eram os escravos, os condenados, os loucos.

Depois dos 20 anos, homem que não fosse barbado era "suspeito". Mesmo os não-positivistas usavam barbas copiosas e bigodes retorcidos como guidões de bicicleta... A abundância capilar era também o cartão de identidade dos militares graduados e dos intelectuais. Não se concebia um doutor, um professor, "(des)barbado".

Barbados eram os prosadores, os filósofos, os poetas. Barbados eram Dostoevski e Tolstoi. Barbado era Machado de Assis - dono de uma barba rala de mestiço, na qual se podia contar meia dúzia de fios em cada face.

Éça de Queirós não usava barba, talvez até para desafiar a sociedade portuguesa, a quem ironizava nos seus romances realistas. Mas também não se atrevia a apresentar-se completamente glabro. Ficava no meio termo, ostentando um galante bigodinho, cuidadosamente revirado em cada ponta, como um rocambole capilar.

A mesma "arma" era usada por Castro Alves, enquanto declamava seus versos em praça pública, ou na exclusiva alcova de Eugênia Câmara. Já o outro grande poeta da época, o maranhense Gonçalves Dias, usava barba e bigode para impressionar Ana Amélia Ferreira do Vale, seu amor proibido, como, aliás, convinha a um poeta romântico.

Entre os militares, o adereço peludo era usado de acordo com a patente. Soldado raso era obrigado a apresentar a cara limpa. Mas os tenentes já era deferido um bigodinho à D'Artagnan, que Rodolfo Valentino imortalizaria nas telas do cinema mudo.

Aos capitães, eram permitidos bigodes opulentos, franjados. Maiores eram os homens das "suíças", à inglesa, descendo das orelhas em direção ao queixo.

De coronel para cima, era de "lei" o uso da barba cerrada, a chamada "Passa-Piolho", maior ou menor conforme a "antiguidade". Um marechal teria o direito de barbas mais opulentas que as da própria figuração bíblica de Cristo.

O nosso Almirante Tamandaré fazia questão dessa "divisa" facial, tão densa que seria capaz de torná-lo rival do Moisés no Velho Testamento.

Pois o Novo Testamento, em matéria de barba-e-cabelo, é o oposto. Cocos raspados a zero encontram-se, às centenas, nas quadras de tênis, nos campos de futebol e nos salões da melhor sociedade, ainda que os seus proprietários não padeçam de calvície.

Com o frio que transforma os dedos em gravetos de gelo, e que pede luvas, cachecóis e ponchos, os seres humanos revelam grave deficiência anatômica em sua carroceria: no Inverno, deveria brotar dos poros humanos (apenas nos homens, bem dito) a natural proteção que agasalha o urso polar: pelos, muitos pelos.

Seria uma metamorfose normal e nada assustadora, embora o resultado nos tornasse semelhantes aos lobisomens peludos dos filmes de terror. Só que ninguém se intimidaria, todos os homens estariam exibindo a mesma "vestimenta". Em vez de luvas, pelos de urso nasceriam por três meses - os do Inverno - e cairiam, também naturalmente, depois do 21 de setembro, com a chegada da Primavera.

O ser humano rejeita o pelo da mesma forma com que o seu ancestral das cavernas o cortejava.

De minha parte, sem a menor vocação para entrar na onda fashion dos carecas, ou adotar a copiosa barba de um Rasputin, assumo o posto de cronista-raso e subalterno, pronto para pegar um resfriado de alta patente.



Márcia Duailibe Forte com a medalha e o fardão de imortal

## MÁRCIA DUAILEIBE FORTE

na Academia Paraense de Letras

**A**nalista de sistemas, escritora, compositora e artista palhaça, Márcia Duailibe Forte, nascida em São Luís e radicada em Belém, é apaixonada pela literatura infantil. Autora de Os Três Porquinhos e o Lobo Esportista, Nas Entrelinhas do Hino Nacional, Belém - Uma Cidade Amazônica e Um Encontro Musical, é a mais nova imortal da Academia Paraense de Letras.

Na APL, Márcia passou a ocupar a cadeira de número 13, que teve como patrono Dom Romualdo de Seixas e, como último ocupante, o saudoso Raymundo Mário Sobral.

Em seu discurso de posse falou sobre sua infância em São Luís - "Nas férias, o lugar preferido era o Sobrado da vovó Linda, em São Luís do Maranhão. Ah, quantas saudades de correr pelos imensos

corredores, de tomar banho frio no tanque proibido, de reunir a família ao redor daquele piano de cauda. Entre quitutes e palavras libanescas, nasceram muitos artistas: instrumentistas, poetas, atores, escritores e cantores.

Aqui, vocês degustaram dois: Marco Duailibe e Sandra Duailibe", referindo-se ao seu primo Marco que a saudou com uma linda poesia, e a sua irmã, a cantora Sandra Duailibe que prestou uma homenagem com seu belíssimo canto.

Márcia recebeu também outros convidados da Ilha do Amor, entre muitos a ex-prefeita de São Luís, Gardênia Ribeiro Gonçalves, e sua filha Gardeninha Castelo.

A solenidade foi regada com muita emoção e prestígio.



A escritora Márcia Duailibe Forte entre Gardeninha Ribeiro Gonçalves, e sua filha Gardeninha Castelo.



Marcos Duailibe com a nova "imortal" Márcia Forte



O abraço das irmãs Sandra Duailibe (cantora) e Márcia Duailibe Forte (escritora)



Márcia Duailibe Forte ao lado o presidente em exercício da APL, Desembargador Leonam Gondim da Cruz Júnior, na foto oficial com os confrades da Academia

## MEMÓRIA



# AINDA SOMOS OS MESMOS

**Pergantino Holanda, poeta, contista, ensaista, romancista e colunista do cotidiano**

**1** om o charme e a elegância de sempre, a designer Cintia Klamt Motta abriu o seu belo apartamento na Península da Ponta d'Areia, para um almoço de quitutes deliciosos, preparado pela mesma equipe que aprendeu com a saudosa Dona Hertha Klamt, os segredos da culinária gaúcha e também maranhense.

Enquanto estivermos vivos, nós, os exilados daquela pátria, queremos que o país roubado volte. Queremos reencontrá-lo, como o menino sequestrado que conseguimos reaver adulto, marcado, sofrido. Queremos trazê-lo para casa, para a sua Capital, e dar-lhe um prato de sopa. Queremos tirá-lo das mãos dos bandidos, espertalhões, assassinos. Erradicar a calúnia que se abateu sobre ele. De que era atrasado, pobre, triste e feio. Ao contrário: era solar, maravilhoso, rico e musical. Queremos as reformas de base. Queremos o Jornal do Dia, o bom e velho O Combate, aquela rádio Timbira. Queremos a anedota do Papagaio, o rei dos Homens, o xote de João do Vale, o Cisne Branco sendo tocado pela banda da Polícia Militar, a nota de um cruzeiro.

**2** Quero a parada de Sete de Setembro, os pracinhas lutando na Europa fascista, o Peixe Vivo, o povo perdendo um pé de sapato no comício do candidato que veste roupa branca. Quero o samba, a bossa, o samba-canção, a música italiana, francesa, mexicana. Quero a revista O Cruzeiro, as pescarias, a professora de música, o piano na sala. Quero o país que mataram. Quero ver as saias, as meias brancas até o joelho, as blusas, os ternos impecáveis de linho branco. Quero de volta tudo o que 1964 destruiu com suas garras de abutre. Foi o tempo, dirão. Foram os anos 1960. Menos. Foi o golpe. Tudo o que aconteceu antes e depois o golpe tratou de reduzir a um monte de ferro velho. Só o Brasil virou sucata. Você chega em qualquer país, lá está o café servido por garçom, as estudantes vestidas decentemente, as livrarias, as praças limpas. Aqui, o terror. Sente em qualquer banco de praça para ver.

**3** Pontificando com seu sorriso aberto, que sempre foi a marca registrada da sua presença, Mario Cella, ex-padre, conselheiro, amigo, puxava o cordão da equipe da fase mais emblemática do Jornal do Maranhão, nos anos 1970, com as bênçãos de Dom João José da Motta e Albuquerque (27 de março de 1913 - 12 de setembro de 1987), o venerado Dom Motta. Observo

uma foto antiga e pelo gesto do rosto quase todo encoberto do Reginaldo Telles, é dele a piada que faz todo mundo rir. As outras pessoas, que não identifico o nome, faziam parte do jornal e trabalhavam em outros departamentos, talvez Oficina e Circulação.

**4** A foto a que me refiro é uma das que ainda consigo resgatar apenas na memória. O papel não existe mais. Não deixa de ser uma foto histórica. Digo que é histórica porque mostrava quase toda a equipe de um jornal que não tem registros da equipe original. Sim, éramos todos maranhenses. E a maioria deles não está mais neste lado da vida. O registro é impressionante pela sua raridade e por expor por inteiro uma equipe que estava confinada numa cidade desconhecida e entusiasmada em criar um jornal. Estavávamos em plena ditadura. Ríamos com o riso claro dos aventureiros, que deixaram vida confortável de outras redações para enfrentar o desconhecido numa pequena sala nos subterrâneos da Arquidiocese. Ok, era apenas um jornal regional, mas para nós era um embate sério e difícil. Tínhamos diferenças entre nós, mas o humor era prioridade.

**5** O jornalismo era para valer e ficávamos horas no jornal, pois acumulávamos funções e produzíamos, essa meia dúzia de resistentes, o melhor jornal que poderíamos fazer. É costume dizer "bons tempos". Para mim, são tempos em que semeamos alguma coisa no chão pedregoso da Pátria. Saudades? Não. Mas sim um sentimento de pertencer não apenas às gerações que se atiraram naquela luta, mas a um tempo que não nos deu trégua. Éramos uma porção do jornalismo vocacionado e sério numa fronteira do Brasil profundo.

**6** Agora não temos jornal de domingo, nem de sábado. Não compramos mais o jornal de sábado pois em cima dele está o de domingo. Acordamos domingo sem jornal para ler. Em compensação, temos o boletim de segunda-feira, outra invenção sinistra, pois uma equipe de jornal não pode estar completa num domingo à tarde, que é dia de ficar de papo para o ar. O resultado é que durante três dias há uma confusão tremenda.

**7** A solução seria manter o esquema tradicional: jornais de terça a domingo. Neste, haveria uma edição especial de verdade, ou seja, cultural. A cultura foi erradicada, com

exceções, da imprensa, que se dedica ao entretenimento, à publicidade descarada no espaço da reportagem, aos artigos importados da Tesoura Press e às resenhas anôdinas que incensam nulidades da música e da indústria de livros principalmente. Todos agora escrevem livros, e o que é mais impressionante, não conseguem publicar. Conheço autores que ficam dedicadas na geladeira por não ter um só editor que arrisque neles.

**8** Por que, quando querem fundar um novo jornal, apostam na imbecilidade? Por que querem fazer cada vez pior, achando que esse esquema, o de evitar o talento e a coragem nas redações, é o caminho certo? Por que apostar no ranço da resistência ultrapassada, ou no marketing do budismo militante são cartas sem contestação nas mesas de negociação, quando se quer criar um veículo novo na praça? Querem fazer sucesso com um jornal? Lancem um jornal independente, feito por espíritos livres.

**9** Ninguém compra jornal ou revista para ver os anúncios e parece que isso deixa a publicidade enlouquecida de despeito. As pessoas querem ler algo que preste e não ficar olhando como a cervejaria clonou a musa para distribuir mulher como brinde para jovens e velhos. O desplante asqueroso da publicidade é fruto da nossa convivência. Todo mundo acha que deve baixar as calças para as agências, quando devia ser o contrário. Quando você fizer um veículo de qualidade, a publicidade vai correr atrás.

**10** Não faz tanto tempo assim. O objeto tinha um carrilhão em forma de cilindro, que avançava para a esquerda sempre que nos aprofundávamos naquele ofício escolhido contra todas as evidências e conselhos. Os espaços entre as frases eram definidos por uma sequência de estalos, ruídos mínimos nas redações barulhentas. Eu preferia os três espaços, que podem ser comparados à atual uma linha e meia do editor de texto. Sempre dava para acrescentar alguma coisa, corrigir, voltar atrás, riscar, sem comprometer a integridade da lauda. Era preciso economizar esforço, aproveitar a penosa colocação da folha no rolo compressor, não encher o cesto de frases mal começadas, palavras toscas, rabiscos.

**11** As teclas pediam determinação funda. Dependiam da força dos dedos, desobedientes às lições de datilografia. O hábito transformava

cada aperto num atalho para o objetivo maior: o fim do compromisso e o início da liberdade. Catar milho era a radicalidade dessa distorção. A maioria ficava na linha intermediária, compondo tabelinha entre três dedos, como se escrevéssemos de trivela, com efeito, para que o texto atingisse a maioria da folha seca e quando chegassem ao ápice caísse miseravelmente no canto indefensável.

**12** Definido o espaço, colocava-se a lauda amarela e pautada, com cabeçalhos do jornal da hora. Tenho coleção preciosa desses exemplares de uma civilização perdida, não que costumasse guardar meus originais que, como todos os outros, sumiam pelo buraco negro da revisão e da gráfica. Mas porque as usávamos para tudo, especialmente para, nas costas delas, abraçar o que tinha nos levados àquela situação: a literatura. Escritores que adiaram por mais de uma vida seus livros, acumulávamos pilhas de laudas escritas de poemas e pequenos contos, que formavam pastas. Outros tinham preferências diversas. Guardavam recortes de jornais, que ficavam empilhados pela casa, para futuros projetos e balanços, para desespero da faxina e das mudanças.

**13** Fazíamos parte de uma estranha civilização que acreditávamos eterna. Éramos seres acumulativos e nossas gavetas eram a cultura marginal e perdida. Só uma parte dessa produção veio à tona e sobreviveu para participar da grande rede. O resto ficou esquecido, guardado para um futuro alternativo, o tempo imaginado de uma época que no fim não se realizou.

**14** No fundo esse era isso: estávamos em guerra. Nossa vocação lutava com o deadline. As palavras tinham lugar fixo e não são como agora, que somem pelo espaço virtual para reaparecer mais adiante. Éramos esgrimistas de uma língua estrangeira, que se tornou nossa por tradição e insistência. Submetíamos os textos aos mestres, que muitas vezes gargalhavam. Mas tudo acabava no bar.

**15** Lembram de nós? Ainda somos os mesmos. Temos um segredo guardado e estamos loucos para revelar: somos portadores de um coração de veludo, de um texto guerreiro, de um talento ancestral, de uma coragem sobrevivente, de uma vontade de que tudo dê certo, neste país que carregamos nos ombros como um andor de santo, daqueles antigos, que atraem o voo arisco das andorinhas e o chumbo grosso das tempestades.



Antonio Saboia era o retrato da felicidade na ALEMA



O ator Antonio Saboia exibindo o diploma de Cidadão Maranhense

## HOMENAGEM PARA ANTONIO SABOIA

Com uma solenidade que reuniu autoridades, amigos e familiares do homenageado, o ator Antonio Saboia foi homenageado com o Título de Cidadão Maranhense, em sessão solene realizada pela Assembleia Legislativa do Maranhão na segunda-feira, dia 22 de setembro. A homenagem foi proposta pelo deputado Carlos Lula (PSB).

Antonio Saboia, que tem sólida e premiada trajetória no audiovisual local e nacional atuou em produções de destaque, a exemplo dos longas-metragens 'Ainda Estou Aqui', de Walter Salles, vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional. No Brasil, foi premiado como melhor ator por 'Deserto Particular', de Aly Muritiba, 'Bacurau', de Kleber Mendonça Filho, e 'Órbitas da Água', do maranhense Frederico Machado, além do reconhecimento como melhor ator coadjuvante em 'Lamparina da Aurora', também dirigido por Machado.

"É uma honra muito grande receber essa homenagem. Eu sou filho de maranhense e passei parte da minha infância aqui, onde iniciei minha carreira como

ator. O Maranhão foi palco das lembranças mais lindas da minha vida. Receber esse reconhecimento é maravilhoso", destacou Antonio Saboia.

Parte da história de Antonio Saboia se passou no Maranhão, estado no qual viveu momentos marcantes. A ligação dele com a terra se deu por ser filho do jornalista Napoleão Pires Saboia, que embora nascido no Ceará se considerava maranhense. A mãe, Anita Clemens, tinha origem franco-espanhola.

No Brasil, Antonio Saboia viveu ainda em Brasília, antes de retornar a Paris, onde nasceu e morou por anos. Aos 22, voltou para o Brasil e construiu carreira sólida no cinema, acumulando mais de 14 filmes no currículo.

No audiovisual maranhense, Antonio Saboia tem grande atuação, tendo sido homenageado na última edição do Festival Maranhão na Tela.

Estavam presentes na sessão solene da ALEMA o deputado estadual Rodrigo Lago (PCdoB), o deputado federal Márcio Jerry (PCdoB) e o ex-deputado estadual Joaquim Haickel, além do premiado diretor de cinema Arturo Saboia, entre outros.



Antonio Saboia com o deputado Carlos Lula, autor da homenagem, durante a entrega do Título de Cidadão Maranhense



Antonio Saboia segurando orgulhosamente a bandeira do Maranhão



Deputado estadual Carlos Lula, Antonio Saboia e o ex-deputado federal Joaquim Haickel



Antonio Saboia com o deputado federal Márcio Jerry (PCdoB)



Momento de pura emoção: Antonio Saboia falando na tribuna da ALEMA



Joaquim e Fernanda Saboia com Arturo Saboia



Antonio Saboia entre Beatriz e Arturo Saboia



Antonio Saboia exibe seu diploma reunido com a família Saboia do Maranhão: Joaquim, Beatriz, Arturo, Haroldo Filho e Fernanda



Na tribuna, o deputado estadual Rodrigo Lago (PCdoB)

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

# TAPETE VERMELHO

 \_evandrojr  
 @evandrojr


Werter Bandeira assina produção completa para eventos sociais e corporativos

## Inquieto Werter Bandeira dinamiza o setor gastronômico

Em um mercado exigente, onde experiências são tão valorizadas quanto sabores, a Villa do Vinho Bistrô consolidou-se como um espaço completo, que oferece experiências únicas e marcantes para quem busca eternizar momentos especiais. Sob a liderança do inquieto

empresário Werter Bandeira, o espaço celebra 12 anos de uma trajetória marcada pela excelência, respeito ao cliente e constante busca por inovação.

O que era um bistrô com gastronomia saborosa harmonizada a uma carta de vinhos e bebidas

cuidadosamente selecionadas, tornou-se um espaço para celebrações.

Foi pioneira na capital no conceito de Mini Wedding, com a proposta de oferecer menus e bebidas mais sofisticados, e onde os noivos tivessem tempo para curtir mais a festa.



Empresário consolidou o conceito de Mini Wedding na Villa do Vinho Bistrô

## Eventos corporativos

Depois de consolidar os Mini Weddings, a casa também viu referência em eventos corporativos, aniversários, noivados, confraternizações e celebrações personalizadas. O sucesso, segundo Werter Bandeira, é o cuidado com que os sonhos dos clientes são acolhidos por ele e equipe.

A expansão não se deu por acaso. Atento aos pedidos e guiado por uma visão empreendedora apurada, Bandeira decidiu ir além da boa mesa e dos vinhos. Investiu em conhecimento pessoal, participando de cursos com os nomes nacionais nas áreas de

paisagismo, floricultura, decoração cênica e produção de eventos.

Hoje, ele também assina a concepção, decoração e execução completa de eventos realizados na casa, oferecendo um modelo de full service que tem encantado noivos, empresas e anfitriões.



Lara Vasconcelos foi a primeira cliente do empreendimento



Chef Thiago Pimenta, diretor do Maison



Shaulo Freire e Thiago Pimenta receberam convidados para coquetel em homenagem aos dez anos da Maison

## Inquieto Werter Bandeira dinamiza o setor gastronômico

Em um mercado exigente, onde experiências são tão valorizadas quanto sabores, a Villa do Vinho Bistrô consolidou-se como um espaço completo, que oferece experiências únicas e marcantes para quem busca eternizar momentos especiais.

Sob a liderança do inquieto empresário Werter Bandeira, o espaço celebra 12 anos de uma trajetória marcada pela excelência, respeito ao cliente e constante busca por inovação.

O que era um bistrô com gastronomia saborosa harmonizada a uma carta de vinhos e bebidas cuidadosamente selecionadas, tornou-se um espaço para celebrações.

Foi pioneira na capital no conceito de Mini Wedding, com a proposta de oferecer menus e bebidas mais sofisticados, e onde os noivos tivessem tempo para curtir mais a festa.

Depois de consolidar os Mini Weddings, a casa também viu referência em eventos corporativos, aniversários, noivados, confraternizações e celebrações personalizadas.

O sucesso, segundo Werter Bandeira, é o cuidado com que os sonhos dos clientes

são acolhidos por ele e equipe.

A expansão não se deu por acaso. Atento aos pedidos e guiado por uma visão empreendedora apurada, Bandeira decidiu ir além da boa mesa e dos vinhos. Investiu em conhecimento pessoal, participando de cursos com os nomes nacionais nas áreas de paisagismo, floricultura, decoração cênica e produção de eventos.

Hoje, ele também assina a concepção, decoração e execução completa de eventos realizados na casa, oferecendo um modelo de full service que tem encantado noivos, empresas e anfitriões.



Os anfitriões com Manu Schiavotelo



Cerimonialistas presentes no evento, que teve a assinatura de Gisela Diniz



Decorador Reginaldo Silva entre Shaulo Freire e Thiago Pimenta